NEWS LETTER



OUTUBRO

- Secas na Amazônia: Eventos extremos ou um "novo normal"?

- Terceira edição de curso de contagem de pirarucu para mulheres avança na redução das desigualdades de gênero na pesca

- O viver na comunidade: uma jornada de conexão e pertencimento

INSTITUTO JURUÁ
POVOS, RIOS E FLORESTAS

SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

DOAR

Secas na Amazônia: Eventos extremos ou um "novo normal"?

Texto **Thiago Sanna Freire Silva (Universidade de Stirling, Reino Unido)**

Boa parte da Amazônia passa nesse momento por uma situação de seca extrema. No dia 20 de setembro deste ano, o nível da água na estação de monitoramento em Fonte Boa (AM) registrava 1.7 metros abaixo do nível médio do rio entre 1979-2022[1] , e nível este praticamente igual ao observado durante outra seca extrema, em 1998. Diversas imagens e vídeos têm circulado pelos meios de comunicação e mídias sociais, mostrando cidades e comunidades isoladas, barcos imobilizados em leitos completamente secos, e uma grande mortandade de peixes e botos. Dezenas de municípios já decretaram estado de emergência[2], e o governo federal já estuda medidas para mitigação dos impactos da seca[3].

1 Segundo dados obtidos do sistema de telemetria da Agência Nacional de Águas (ANA) em 21/09/2023. Devido a um recente ataque cibernético à plataforma de distribuição de dados online da ANA, não foi possível obter dados mais recentes para esta matéria.

2 https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/sobe-para-23-total-de-cidades-em-situacao-de-emergencia-no-amazonas

3 https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/alckmin-e-ministros-vao-manaus-discutir-medidas-contra-seca-extrema



Cidade de Tefé (AM) em 19 de Setembro de 2021, ano bastante próximo à média histórica.



Cidade de Tefé (AM) em 09 de Outubro de 2023, durante a atual seca extrema.

As áreas em tons de marrom e verde na imagem de 2023 correspondem a áreas expostas do leito do lago Tefé, onde a vegetação rasteira se desenvolve durante a seca. Fonte: Planet Education and Research Program: In Space for Life on Earth. https://api.planet.com.

Qualquer pessoa que tenha passado algum tempo na região amazônica sabe que os rios, lagos e igarapés são as artérias da Amazônia, conectando a maior parte de seus mais de 30 milhões de habitantes enquanto transportam 20% do volume de água doce de todo o planeta. Este vasto e complexo sistema hidrológico conecta também as enormes extensões de áreas úmidas (várzeas, igapós e chacos) presentes na bacia amazônica, que recobrem uma área equivalente ao Chile[4]. Estas áreas são não somente um elemento essencial da biodiversidade e ciclagem de carbono na Amazônia, mas também responsáveis pela provisão de recursos econômicos e serviços ecossistêmicos para a maioria da população amazônica, especialmente em relação à pesca. Afetar o padrão anual de inundação e seca na Amazônia dessa maneira, é perturbar todos os aspectos da vida humana, animal e vegetal da região. E a seca não afeta apenas os sistemas aquáticos. Diversas pesquisas têm mostrado como as extensas florestas terrestres que recobrem a bacia amazônica são particularmente dependentes do regime de precipitação, e vulneráveis aos efeitos de eventos extremos como a seca que temos observado nas últimas semanas[5].

Diante de tal cenário, surgem três grandes questões: Primeiro, quão extrema é a situação de seca deste ano? Segundo, quais suas causas? E por último, o que podemos esperar para o futuro em termos de eventos extremos similares?

A resposta a essas perguntas nos permite não só melhor entender os acontecimentos atuais na Amazônia, mas também refletir sobre o futuro do maior e mais diverso ecossistema tropical úmido do planeta.

4 Fleischmann, A. S. et al. (2022). How much inundation occurs in the Amazon River basin? Remote Sensing of Environment, 278, 113099. https://doi.org/10.1016/j.rse.2022.113099.

5 Tavares, J. V. et al (2023). Basin-wide variation in tree hydraulic safety margins predicts the carbon balance of Amazon forests. Nature, 617(7959), Article 7959. https://doi.org/10.1038/s41586-023-05971-3

Podemos iniciar nossas respostas a partir das causas: assim como em 1998, a grande redução no volume de chuvas ocorrendo atualmente na região Amazônica resulta principalmente do fenômeno conhecido como El-Niño. Este nome é dado a um fenômeno de aquecimento excessivo da água na superfície do Oceano Pacífico, que termina por afetar a circulação dos ventos e das nuvens e umidade em todo o planeta, mas principalmente nas Américas. No Brasil, eventos de El Niño trazem secas para as regiões Norte e Nordeste do país, e chuvas intensas nas demais regiões. O fenômeno inverso (resfriamento da superfície oceânica), chamado de La Niña, causa também efeitos inversos nas regiões do país. Isso faz sentido, afinal há de haver um balanço - a chuva que deixa de se precipitar em um local precisa necessariamente se precipitar em algum outro lugar.

O fenômeno El Ninõ deste ano promete ser um dos mais intensos desde 1950, com anomalias de temperatura de até 5 graus celsius acima da média sendo observadas. Intensidades similares foram observadas durante os anos de 2014-2015 e 1997-1998[6], que também correspondem a secas históricas na região Amazônica. Contudo, não só a temperatura do Oceano Pacífico influencia o clima Amazônico - duas das maiores secas já registradas (2005 e 2010) foram causadas primariamente pela elevação da temperatura na superfície do Oceano Atlântico, ao invés do Pacífico[7].

6 https://origin.cpc.ncep.noaa.gov/products/analysis_monitoring/ensostuff/ONI_v5.php

7 Marengo, J. A., Tomasella, J., Alves, L. M., Soares, W. R., & Rodriguez, D. A. (2011). The drought of 2010 in the context of historical droughts in the Amazon region. Geophysical Research Letters, 38(12). https://doi.org/10.1029/2011GL047436.

Isso deixa claro que a temperatura dos oceanos em todo globo afeta diretamente as chuvas, enchentes e secas na Amazônia. De fato, secas extremas também foram observadas durante o ano passado, também um dos anos de maior aquecimento dos oceanos já registrado. Quando notamos que a temperatura dos oceanos tem aumentado continuamente nas últimas décadas, e que o ano de 2023 particularmente está quebrando o recorde anterior de aquecimento por uma grande margem (Figura 2), fica claro que precisamos nos preocupar seriamente com o futuro climático da Amazônia.

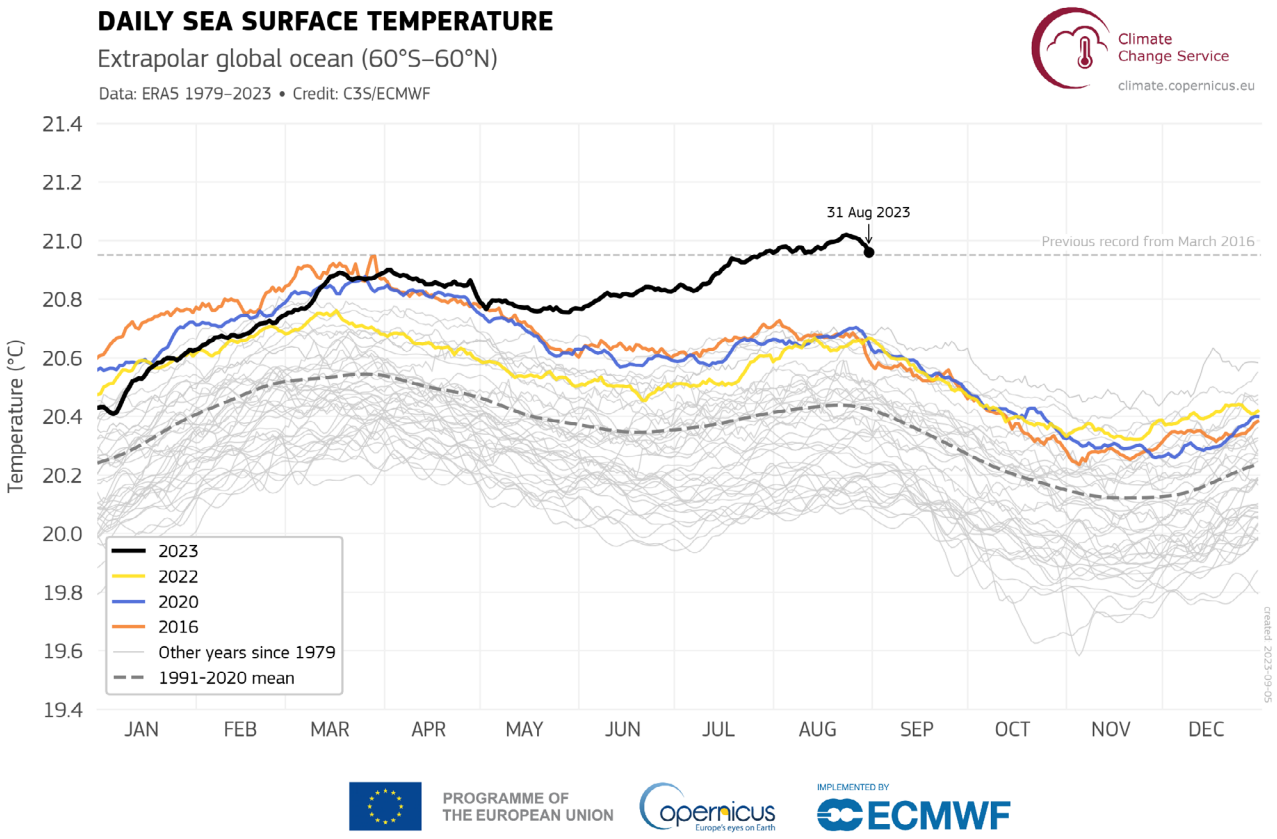


Figura 2. Temperatura da superfície do oceano em 2023 (em preto) em comparação com os recordes anteriores de 2022 (amarelo), 2020 (azul) e 2016 (laranja). Fonte: Copernicus Climate Change Service/ECMWF (https://climate.copernicus.eu/record-high-global-sea-surface-temperatures-continue-august)

Agora que compreendemos as causas da seca atual, podemos então responder à primeira pergunta: quão extrema é a seca atual?

Para isso, tomemos como exemplo novamente os dados fornecidos pela Agência Nacional de Águas para a estação fluviométrica (nível do rio) e pluviométrica (chuvas) de Fonte Boa, AM. A Figura 3 abaixo mostra o nível do rio em todos os anos desde 1977, e podemos ver como o ano de 2023 se compara a anos de grandes secas passadas (1995,1998,2005,2010 e 2022), e um ano 'normal' (2021) . A seca deste ano se assemelha muito à seca de 1998, tanto em termos de intensidade quanto na velocidade e período da descida da água. Em relação às chuvas em Fonte Boa, os anos de 2010, 2022 e 2023 receberam respectivamente 20%, 29% e 42% menos precipitação do que a média esperada para o período. Isso mostra que o problema da seca não afeta apenas os sistemas aquáticos, onde os níveis dos rios dependem da chuva acumulada em toda a planície amazônica e Andes, mas também os ecossistemas terrestres e a agricultura, os quais dependem diretamente da chuva local.

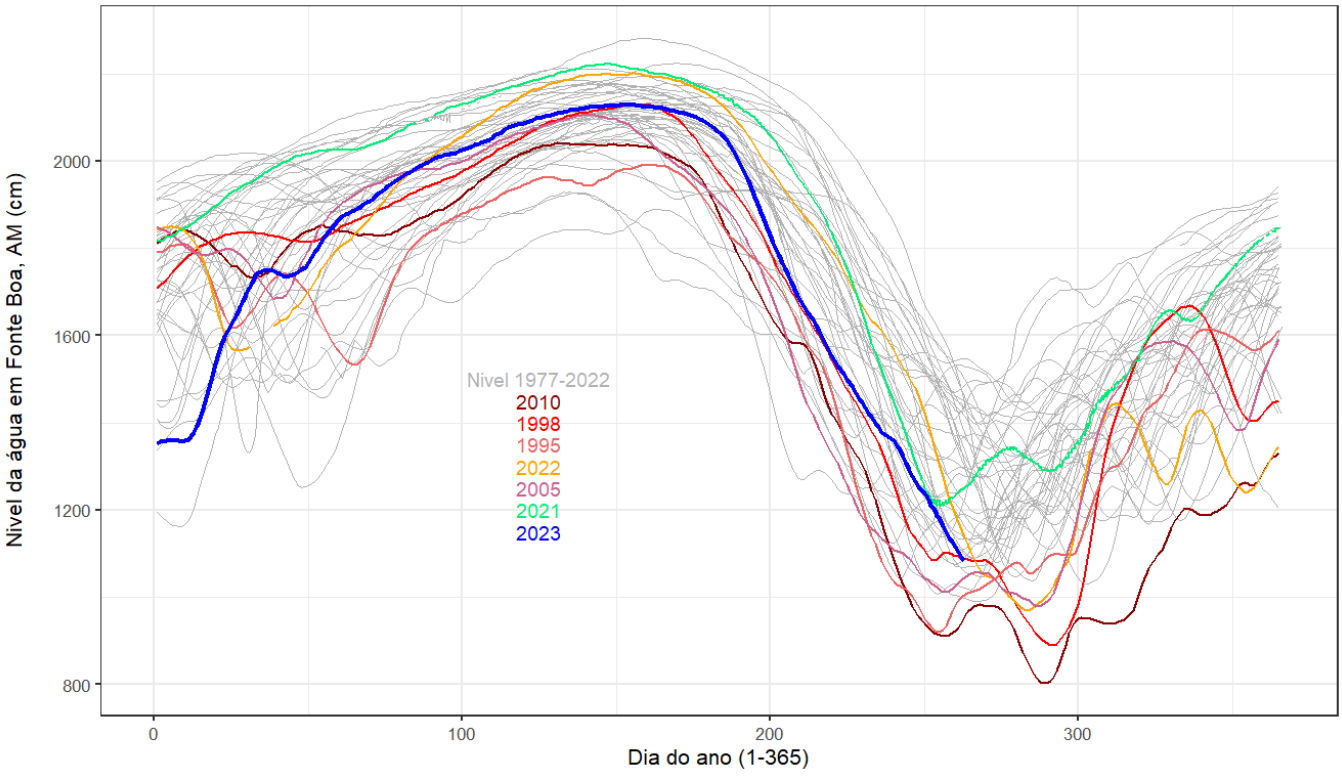


Figura 3. Nível do rio na estação de monitoramento de Fonte Boa, AM. realçando anos de seca extrema e um ano próximo à média da região. Dados obtidos em https://www.snirh.gov.br/hidroweb/. Versão interativa deste gráfico disponível em https://enso-monitor.onrender.com/.

Finalmente, podemos nos voltar para nossa pergunta-título: podemos ainda chamar estes eventos de 'extremos', ou seria esse um novo normal trazido pelas mudanças climáticas e ambientais?

Três estudos científicos podem nos ajudar a compreender esse cenário. O estudo feito por Jonathan Barichivich e colaboradores em 2018[8] mostra que a frequência de eventos extremos (secas e cheias) aumentou de um a cada sete anos no início do século para um a cada dois anos na última década, com um aumento mais expressivo na frequência de cheias extremas. Já um estudo publicado este ano por Ayan Fleischmann, coordenador do Grupo de Análise Geoespacial do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá em Tefé(AM), mostra que a extensão da área inundada na Amazônia aumentou em 26% desde 1980[9], e um estudo publicado por Mino Sorribas e colaboradores em 2016 já previa um aumento de 30% a 50% na descarga máxima dos rios e de 5% a 10% da área máxima inundada no leste da Amazônia para o ano de 2100, com redução de mesma magnitude para a região oeste[10].

Sim, aumentos na área inundada ao mesmo tempo em que ocorrem aumentos na frequência de secas parecem ser resultados contraditórios! Mas é importante ressaltar que os níveis mínimos e máximos dos rios Amazônicos variam de maneira independente. A própria Figura 2 já mostra que o ano de 2022 exibiu tanto um dos menores níveis mínimos (secas) da história, quanto um dos mais altos níveis de cheia. E o mesmo estudo por Mino Sorribas mostra que quando falamos de descarga e inundação mínimas, é provável que a primeira diminua entre 20% e 50% até o ano de 2100 em quase toda a Amazônia, com uma redução correspondente entre 0 e 10% na área inundada. Além disso, quando lembramos que cheias extremas são tão danosas quanto as secas extremas, o cenário futuro que se configura a partir destas pesquisas é deveras preocupante; fica claro que a amplitude (diferença entre os níveis mínimos e máximos a cada ano) da precipitação, descarga dos rios e inundação está aumentando continuamente, de maneira que eventos antes considerados 'extremos' agora ocorram em quase todos os anos - e que os novos eventos 'extremos' neste novo regime serão ainda mais intensos.

8 Barichivich, J. et al. (2018). Recent intensification of Amazon flooding extremes driven by strengthened Walker circulation. Science Advances, 4(9), eaat8785. https://doi.org/10.1126/sciadv.aat8785

9 Fleischmann, A. S., et al. (2023). Increased floodplain inundation in the Amazon since 1980. Environmental Research Letters, 18(3), 034024. https://doi.org/10.1088/1748-9326/acb9a7

10 Sorribas, M. V., et al (2016). Projections of climate change effects on discharge and inundation in the Amazon basin. Climatic Change, 136(3), 555–570. https://doi.org/10.1007/s10584-016-1640-2

Esta é a mais importante mensagem desta discussão: a hidrologia da Amazônia já mudou e continua mudando, e as políticas públicas e estratégias de gestão e planejamento para as regiões amazônicas precisam levar em consideração que estes extremos 'vieram para ficar'. Por exemplo, como serão os impactos da implantação de hidrelétricas em longo prazo, quando sabemos que estes empreendimentos alteram ainda mais o funcionamento ecológico dos rios[11]? Ações de longo prazo precisam ser pensadas e discutidas já, em todas esferas e setores da sociedade, se esperamos realmente nos adaptarmos e minimizarmos os impactos desta nova realidade. A alternativa - um colapso ecológico e socioeconômico da Amazônia - é simplesmente impensável.



- Thiago Sanna Freire Silva é professor na Universidade de Stirling, no Reino Unido, e estuda a influência da dinâmica espaço-temporal da paisagem sobre processos ecológicos, além dos possíveis efeitos de mudanças climáticas e atividades antrópicas sobre a distribuição, estrutura, diversidade e fenologia de comunidades vegetais.

11 Schöngart, J. et al. (2021). The shadow of the Balbina dam: A synthesis of over 35 years of downstream impacts on floodplain forests in Central Amazonia. Aquatic Conservation, 31(5), 1117–1135. https://doi.org/10.1002/aqc.3526

Terceira edição de curso de contagem de pirarucu para mulheres avança na redução das desigualdades de gênero na pesca

A formação capacitou 24 mulheres que já estão aptas a contribuir nas equipes de contagem em suas comunidades no Médio Juruá.

Por **Simelvia Vida e Clara Machado**

Nos dias 16 a 18 de setembro de 2023 foi realizada a terceira edição do curso, exclusivo para mulheres, sobre metodologia de contagem como ferramenta de monitoramento de pirarucu (Arapaima gigas). A formação aconteceu na comunidade do Lago Serrado, localizada na área de acordo de pesca do Médio Juruá, em Carauari (AM).

Historicamente, a capacitação para a etapa da contagem de pirarucu, essencial na atividade do manejo sustentável, sempre foi um ambiente dominado por homens, com pouca ou nenhuma participação feminina. Nesse contexto, o curso voltado para mulheres, que já está em sua terceira edição no médio Juruá, busca reparar esta desigualdade.

A participação feminina no manejo do pirarucu gera uma renda inédita para as mulheres na cadeia produtiva da pesca, possibilitando maior autonomia, autoestima e reduzindo as desigualdades de gênero historicamente construídas.

As mulheres sempre participaram de etapas do manejo no período de pesca, como na evisceração do pescado e na preparação de alimentos para a equipe. Porém outras etapas eram vistas como um trabalho "masculino".

O curso as torna também aptas a participar da etapa anterior à pesca, que é a contagem de pirarucu nos ambientes. Etapa na qual o Ibama usa para determinar a cota de peixes a serem pescados no ano posterior.

Vinte e cinco mulheres participaram desta formação, cujo objetivo é fortalecer o manejo comunitário na região e promover um espaço onde elas se sintam à vontade para aprender a metodologia e contribuir com as equipes de contagem de suas comunidades.

"Pra mim foi uma satisfação muito grande, mais uma oportunidade para nós mulheres que vivem no meio do machismo. Os homens são de achar que a gente não é capaz de fazer o que eles fazem. Pra mim esse curso foi muito importante", relata Maria Silvilene nova contadora de pirarucu e moradora da comunidade São João.

A abertura do curso foi feita com uma palestra sobre saúde da mulher oferecida em parceria com a Secretaria de Saúde do Município de Carauari em articulação com a Repartição de Benefícios do Médio Juruá (RBMJ) e Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá (AMAB). Assim, as participantes puderam tirar dúvidas sobre saúde feminina e logo após a palestra, foi oferecido atendimento pela Enfermeira Keisy Marques.



Palestra de abertura sobre saúde da mulher oferecida pela Secretaria de Saúde do Município de Carauari em articulação com a Repartição de Benefícios do Médio Juruá (RBMJ).
Foto: Simelvia Alves

O curso contou com aulas teóricas com simulação das diferentes situações que podem encontrar nos ambientes e a melhor forma de se distribuírem ao redor do corpo d'água para garantir a acurácia na contagem dos peixes. Além disso, é abordada a biologia da espécie, que é fundamental para possibilitar a contagem dos indivíduos no período em que os ambientes estão sem conexões com outros corpos d'água, além de entender como a biologia explica a duração da contagem em 20 minutos utilizada no método.



Simulação de contagem em aula teórica de como se distribuir no ambiente segundo a metodologia de contagem.
Foto: Simelvia Alves

A aula prática também faz parte do curso, quando as alunas se deslocam até o ambiente de contagem para, além de aprenderem a como diferenciar os juvenis (pirarucus de 100 a 149 cm) dos adultos (pirarucus a partir de 150 cm), também aprenderem como de dividir de acordo com o número de contadoras em suas equipes conforme a disposição e tamanho do ambiente.



Alunas a caminho do lago para aula prática de contagem. Foto: Edimar Costa

"No início eu achei que eu não seria capaz, porque antes só quem fazia isso eram os homens, mas quando eu comecei a participar das palestras e vi que não era uma coisa de sete cabeças, eu comecei a gostar... e quando fiz na prática, eu achei super gostoso estar ali fazendo aquilo que eu acharia que eu nunca estaria ali para fazer", relata Ana Lúcia, participante do curso que agora é a mais nova contadora de pirarucu da sua comunidade, Lago Serrado.



Alunas na aula prática aprendendo a diferenciar indivíduos jovens (bodecos) de adultos (pirarucu).
Foto: Raimunda Antônia Gomes de Souza.

Após as aulas teórica e prática, as alunas passam por uma avaliação, na qual são testadas as habilidades em contagens comparando a sua precisão com a do contador certificado. Caso os seus cálculos estejam dentro da margem de erro de até 30% para subestimar ou superestimar a população de pirarucus, a aluna é aprovada e se torna uma nova contadora, plenamente capaz de participar apoiando nas próximas contagens de pirarucu em sua comunidade.

O contador certificado Edimar Souza é Técnico em Produção Sustentável do Instituto Juruá e participou de todas as edições do curso de contagem oferecidas exclusivamente para mulheres até hoje. “Com essa terceira edição aplicada, já temos a participação de mais de 100 mulheres do Médio Juruá. Esses cursos estão dando empoderamento para as mulheres realizarem os trabalhos de igual para igual com seus esposos e demais comunitários. As mulheres estão aprimorando e desenvolvendo seus conhecimentos na cadeia produtiva das suas comunidades. O curso também faz as pessoas de comunidades diferentes se conhecerem, e as mulheres começam a interagir de maneira muito solidária, com trocas de experiências e amizades que levam para a vida”.



Participantes do curso durante a avaliação da contagem do pirarucu. Foto: Raimunda Antônia Gomes de Souza

Dentre as 25 participantes, haviam moradoras de nove comunidades da área do acordo de pesca do Médio Juruá, além de representantes das seguintes organizações: Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá (AMAB), Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ), Colônia de Pescadores de Carauari (COLPESCA Z-25) e Secretaria de Meio Ambiente de Carauari.

Rilzineide do Nascimento, nova contadora da comunidade São João, não vê a hora de participar da etapa da contagem. “Eu fico muito orgulhosa que daqui pra frente eu já posso ajudar os nossos companheiros da comunidade, tendo essa experiência que antes a gente não tinha. Eu acho isso incrível”, acrescenta Rilzineide.



Participantes do curso no lago onde foi realizada a aula prática. Foto: Raison da comunidade concórdia

O curso foi finalizado com a entrega dos certificados de participação neste treinamento, com as respectivas notas de aproveitamento indicando as contadoras que já estão aptas a apoiar as equipes de contagem nos próximos anos e aquelas que devem treinar mais para se submeterem a um novo treinamento e avaliação em 2024.

O fechamento do curso é um momento importante para as mulheres, que se sentem empoderadas e felizes em poder contribuir também nesta etapa do manejo do pirarucu e dividem esta vitória com seus familiares, além de levar o conhecimento adquirido as suas comunidades e organizações, superando mais um desafio imposto pelas desigualdades históricas de gênero presentes na sociedade.

“Para todas as outras mulheres, eu gostaria de dizer que não é porque você é mulher que você só tem o direito de ficar dentro de casa para fazer comida, lavar roupa e cuidar dos filhos. Você tem o direito de ter liberdade, de fazer o que você gosta e achar melhor”, finaliza Ana Lucia.

O curso é uma realização do Instituto Juruá em parceria com a Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá.

O viver na comunidade: uma jornada de conexão e pertencimento

Por **Maria Cunha**

A vida na comunidade ribeirinha é uma experiência única e enriquecedora. Localizadas nas margens dos rios, essas comunidades têm uma relação intrínseca e enfrentam desafios únicos para sua subsistência. Desde crianças até idosos, todos os moradores se adaptam às peculiaridades dessa vida. As comunidades ribeirinhas são encontradas às margens de rios e lagos e muitas vezes isoladas geograficamente pela grande distância de centros urbanos. São definidas como um grupo de pessoas que compartilham um espaço físico e emocional, com apoio, colaboração e preocupação uns com os outros, explorando os aspectos positivos e desafiadores de viver na floresta. Além disso, em uma comunidade, os moradores têm a oportunidade de compartilhar recursos, ideias e habilidades. A diversidade de talentos e conhecimentos presentes enriquece a vida de todos, permitindo que aprendam sempre uns com os outros e cresçam juntos .



As comunidades ribeirinhas, tem uma relação profunda com a natureza. A pesca, agricultura, e a coleta de recursos naturais são algumas das atividades essenciais para a subsistência e a renda das famílias dessas comunidades. Os moradores têm um conhecimento íntimo dos rios, lagos, florestas e biodiversidade local que chamamos de conhecimento tradicional. Esse conhecimento é muito importante, pois é assim que os moradores garantem a sua sobrevivência na floresta.

Além disso, a construção e manutenção de uma comunidade requer esforço e participação ativa de todos os seus membros. É necessário investir tempo e energia para o fortalecimento dos laços comunitários, promovendo a colaboração e o cuidado do espaço compartilhado. Levando também em consideração os desafios que surgem no convívio diário.

A rotina nas comunidades ribeirinhas é ditada pelo ritmo das águas, a cheia e a seca, resume-se em inverno e verão, onde algumas cadeias produtivas como a extração de óleos ou o manejo do pirarucu são melhores desenvolvidas nesses contextos. Essas questões que englobam a "cheia e seca" são fenômenos que surpreendem a cada novo ano, a incerteza de como será o ano seguinte faz os comunitários serem surpreendidos muitas vezes, perdendo produções rurais que auxiliam a renda familiar e gerando o desconforto de adaptação a uma nova rotina por período intenso. Muitas vezes, não existe um equilíbrio, a natureza é sempre um mistério até para quem vive nela e sobrevive dela. Os moradores de uma comunidade ribeirinha, precisam sempre estar atentos a organizar estratégias para saber se adequar às mudanças naturais que nos últimos anos tem se tornado frequentes e assustadoras.



O impacto causado ao meio ambiente pelas ações humanas têm influenciado cada vez mais o aquecimento global do planeta, causando reações que estão afetando a qualidade de vida de todo ser humano. Este ano, o Amazonas enfrenta uma seca extrema que preocupa todo o mundo, onde os rios, que são a principal via de transporte e abastecimento de água e alimento, estão reduzindo drasticamente seu volume. A navegação fica cada vez mais difícil afetando o comércio local e dificultando o acesso a muitas comunidades e a serviços essenciais como saúde. Além disso, a redução no fluxo dos rios compromete a sobrevivência de várias espécies de peixe e outros animais aquáticos, já que muitos ficam isolados em pequenos poços de água, sem condições adequadas para sobreviverem. A seca também favorece o avanço das queimadas na região, já que o solo mais seco e a vegetação ressecada torna-se inflamável, isso aumenta ainda mais a destruição da floresta e compromete a qualidade do ar, afetando a saúde da população e contribuindo ainda mais para o aquecimento global. A seca atual no Amazonas é um sinal de alerta para a necessidade de preservarmos e protegermos esse importante bioma. Essa realidade amazônica precisa ser encarada como um chamado para a ação onde o comprometimento e a responsabilidade de todos são fundamentais para lidar com essa crise climática.



A agricultura e extrativismo são as principais atividades econômicas nas comunidades ribeirinhas. E atualmente, nas comunidades tradicionais do Médio Juruá, por exemplo, já se percebe a inclusão de ideias significativas e importantes para agregar essa renda familiar e a biodiversidade da Amazônia, vinculada ao desenvolvimento sustentável das comunidades, estamos falando da pesca manejada do pirarucu. Uma iniciativa que mudou a realidade das famílias ribeirinhas dessa região, promovendo o desenvolvimento social e ambiental por uma qualidade de vida melhor para todos. Mas em um contexto geral comunitário, os moradores utilizam técnicas tradicionais, como a pesca com redes e tarrafas, para garantir seu sustento. Além disso, a agricultura familiar também desempenha um papel importante, principalmente na produção de alimentos como mandioca, banana e milho. A troca de produtos entre os moradores é comum, promovendo a economia local e a solidariedade entre vizinhos. O viver em comunidade, lembra que as pessoas são parte de algo maior do que elas mesmas, a importância da empatia, da solidariedade e do respeito mútuo é fluente. E a organização comunitária vinculada a suas lideranças por algo que visa alcançar objetivos e criar ambiente acolhedor e harmonioso.

A educação nas comunidades é um desafio, mas também uma oportunidade de aprendizado. Muitas vezes, as escolas estão localizadas em regiões distantes, o que exige dos alunos longas caminhadas ou deslocamentos de barco ou canoa para chegar até lá. Essa é uma realidade de algumas comunidades ribeirinhas falando de um contexto geral, porém muita coisa já foi superada com o passar dos anos com a determinação e o apoio das famílias, professores e apoiadores, que entendem a importância da educação para o futuro das gerações. Devido ao isolamento geográfico, as comunidades ribeirinhas, muitas vezes enfrentam desafios de infraestrutura. A falta de acesso a serviços básicos, como eletricidade, água potável e saneamento são realidades bem comuns entre elas. Atualmente algumas comunidades do Médio Juruá com apoio institucional, organização comunitária e projetos sociais já conseguiram um grande avanço no desenvolvimento, incluindo esses contextos de educação, saneamento, infraestrutura, e acesso a benefícios sociais. Isso possibilitou que comunidades ribeirinhas da Amazônia hoje, tenham novos conceitos de definição.



A cultura local é uma grande aliada no conhecimento tradicional dos moradores, uma cultura de ver na medicina da floresta, uma cura. Apesar disso, a dificuldade de acesso a serviços de saúde também é um desafio enfrentado pelos moradores. Políticas públicas que visem maior atenção à saúde dos povos tradicionais comunitários ainda são pouco acessíveis. Em sua grande maioria, os moradores só contam com um agente comunitário de saúde capacitado e precisam sempre ir buscar recursos maiores na cidade quando necessário, Isto inclui medicamentos e médicos. O que apesar dos avanços ainda é uma realidade de muitas comunidades.

O transporte é outro grande desafio enfrentado pelas comunidades ribeirinhas. Sendo que a principal via de acesso é fluvial e essa é a principal forma de deslocamento, e muitas vezes é necessário percorrer longas distâncias para acessar serviços básicos e oportunidades. Além disso, a comunicação também é limitada, com pouca ou nenhuma cobertura telefônica e de internet. Porém, atualmente o uso da conectividade já é uma realidade em algumas comunidades, mas ainda assim é um processo limitado. Isso possibilita que as comunidades possam ter acesso a notícias do mundo todo, acessar plataformas educativas e até realizar alguns trabalhos.



Foto: Hugo Costa

A preservação ambiental é um fator importante, as comunidades ribeirinhas dependem diretamente dos recursos naturais ao seu redor para a sua subsistência. Por isso, a preservação ambiental e a sustentabilidade são aspectos fundamentais. A conscientização sobre a importância da conservação dos ecossistemas e a adoção de práticas sustentáveis são essenciais para garantir a sobrevivência das comunidades ribeirinhas a longo prazo. E esses ensinamentos são parte da cultura de quem nasce e se desenvolve morando na floresta, hoje adotadas a práticas sustentáveis as comunidades conseguem ter uma visão melhor de que não só comunitários, são guardiões de uma riqueza natural que engloba uma gigante chamada Amazônia. Essas comunidades têm uma forte ligação com a terra. A natureza é respeitada e valorizada, e os ribeirinhos entendem a importância de preservar para garantir a sua própria sustentabilidade. A cultura ribeirinha é rica e diversificada. Os moradores preservam tradições ancestrais, transmitindo de geração em geração danças, cantigas e lendas. Os festejos comunitários são muito comuns, e geralmente é um santo padroeiro que a comunidade considera. O vínculo entre os membros da comunidade é fortalecido pelas festas e celebrações que ocorrem ao longo do ano. Nesses momentos, os laços de pertencimento são fortalecidos. O sentimento de comunidade é tão profundo que cada indivíduo se vê como parte de algo maior contribuindo para o bem-estar de todos.

Para superar grandes desafios é fundamental que as políticas públicas reconheçam e valorizem o papel dessas comunidades na conservação ambiental, oferecendo suporte e incentivo para o desenvolvimento sustentável. Investir em programas de educação e capacitação é essencial para fortalecer a autonomia e melhorar as condições de vida dos ribeirinhos.

O viver na comunidade ribeirinha, uma jornada de conexão e pertencimento, é onde os laços sociais e a relação com a natureza são fundamentais. É uma jornada que nos ensina sobre cooperação, resiliência e valorização das tradições, promovendo um senso de união e harmonia que são essenciais para o bem-estar coletivo. Essa vivência é estar imerso em uma teia de relações sociais estreitas, onde todos se conhecem e se apoiam mutuamente. Existe um senso de pertencimento muito forte, onde cada indivíduo é valorizado. Essa convivência próxima e colaborativa fortalece os laços entre as pessoas, criando uma rede de apoio que se estende além do aspecto social, abrangendo também questões econômicas e culturais. Aprende-se constantemente sobre adaptabilidade. As adversidades são enfrentadas em conjunto, fortalecendo o espírito comunitário e a capacidade de superação. Aprendendo a valorizar as tradições ancestrais, as histórias compartilhadas e os saberes transmitidos de geração em geração. Preservar e valorizar essas comunidades é essencial para garantir um futuro sustentável para todos. É necessário que a sociedade reconheça a importância dessas comunidades e trabalhe em conjunto para construir um mundo mais justo e igualitário.



Foto: Felipe Pires

IJ INDICA

1.

ÚNIDOS PELO MÉDIO SOLIMÕES, @upmedio-solimoes, perfil do Instagram que reúne esforços para arrecadação de doações aos atingidos pela grande seca do rio Amazonas.

Unidos pelo Médio Solimões

2.

UÝRA, @uyrasodoma, artista indígena contemporânea, bióloga e educadora.



3.

GUARDIÃS DO RIO: HISTÓRIAS DAS MARGENS, mini documentário produzido pelo Lab Cidade e Rede Jandyras sobre os rios urbanos em Belém do Pará.



INSTITUTO JURUÁ

Equipe de comunicação do Instituto Juruá
Clara Machado, Andressa Scabin, Nathalia Messina, Maria Cunha e Raphael Chicayban

Equipe de tradução do Instituto Juruá
Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

Diagramação
Mariana Bastos